

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 508	Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. torte)	3\$800	1\$900	6950	6120	II DE JANEIRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Não quiz pôr uma nota triste na minha ultima chronica. Era no Anno Bom, dia de gala, dia de luz, anno bom, porque é sempre de esperança, porque é a esperança quem nos entorna a alegria, quem nos dá a paz. E no meio de tanta luz, no céu azul sem uma nuvem, não quiz que esvoaçasse aos olhos dos leitores nem um só fio de crepe, não quiz que lhes fosse entristecer a musica alegre das crianças contentes, nem uma só nota plan-gente d'um dobre de finados.

Fal-o-hemos hoje por um dever de chronista, porque mentirá aquelle que imaginar que ha de sempre attrahir um sorriso, quando não uma gargalhada, aos labios de quem o ler, de quem o ouvir. A chronica é triste, porque é triste o mundo. Amanhã riremos. As vezes é preciso... ia dizer é bom, chorar.

Tudo passa. E velho, e por isso mesmo é verdade. E olha a gente em volta e por todos os lados se erguem as ruinas attestando esta verdade. E as ruinas são uma tristeza e por mais bello que seja o edificio que queiram erguer sobre ellas, nunca elle poderá substitui-las sem que nos opprima o peito uma saudade, que não terá razão de ser ás vezes, mas cujas raizes penetram até ao fundo sentimental das nossas almas.

Não vem para aqui investigar a causa da decadencia da aristocracia portugueza, nem eu a sei, nem quero saber. Foi uma coisa que existiu, que talvez cahiu por si, e a que nenhum de nós, hoje creio, conheceu o antigo esplendor. Hoje é ruinas, que também não desapareceram um dia, e d'ellas não ficará mais que uma lembrança. Pedra a pedra foi-se desmoronando o soberbo castello. Os labores gothicos e de renascença trabalhosamente lavrados no calcareo rijo, foram perdendo as arestas vivas, foram tombando do feixo das abobadas, jazem entre os prados da charneca. Mas

ainda se veem aqui ou ali, ainda ha meia duzia de pedras preciosas que valem um pouco mais, ellas sós, que todo o palacio antipathico em *carton pierre*, telha de Marselha, e estatuas de gesso que se lhe ergue ao lado.

E assim também que certos vultos que vão desaparecendo da alta sociedade valiam por si, embora com fortunas relativamente pequenas, muito mais que a maior parte dos enriquecidos, que por ahí ostentam cavallos, carruagens e brilhantes. Não é *talon rouge* quem quer.

A condessa de Ficalho era uma das senhoras que mais concorriam para afugentar da sociedade portugueza a ostentação de riqueza sem gosto para que o nosso *high life* tem incontestavelmente uma tendencia accentuada.

Filha d'uma senhora, cujos salões foram cele-

bres em Lisboa, como dos poucos onde o espirito prevalecia ao dançarino, educada n'um meio artistico, tendo conhecido desde pequena o que em Portugal havia de mais notavel em sciencia, artes e politica, a Condessa de Ficalho soubera conservar as sympathicas tradições e continuar a reunir nos formosissimos salões do palacio dos Caetanos os antigos amigos da casa de sua mãe e muitos novos, que ali conheciam as boas regras de uma sociedade fina e distincta.

A morte da Condessa de Ficalho foi uma surpresa para toda a Lisboa apezar do seu melindroso estado de saude a fazer, havia já muito tempo, condemnar pelos medicos.

Dois ou tres dias antes de fallecer a Condessa de Ficalho andou ainda passeiando na Avenida, no seu carro, que ella propria guiava com a elegancia e a distincção de uma *sportswan*.

No dia immediato constou pelos jornaes que a Condessa de Ficalho estava doente, no outro dia que estava morta.

Foi uma grande e irreparavel perda para a alta sociedade portugueza, para a alta sociedade em que a Condessa de Ficalho tinha pelo seu nascimento, pelo seu brilhante espirito, pela sua elevada illustração um logar proeminente e domador.

Outra morte que foi também muito sentida em Lisboa foi a do pobre Pedro Moreira.

Quando ha mezes aqui n'este mesmo logar nos referimos á sua tentativa de suicidio dissemos que talvez tivesse sido um bem para elle, que os soccorros da sciencia que correram a curar-lhe as feridas profundas, que elle fizera nas guellas, chegassem tarde e que o pobre allucinado tivesse conseguido o fim que tão violentamente procurara.

Infelizmente os factos que se seguiram deram-nos razão.

A medicina conseguiu curar-lhe radicalmente os ferimentos, que elle fizera a si proprio, mas não conseguiu curar a doença, que produzira aquella fatal allucinação do suicidio.

Essa doença era uma doença da medula espinhal, uma doença terrivel que começou por apagar a alegria, que havia n'aquelle espirito tão jovial.



DR. MANUEL BENTO DE SOUZA
(Cópia de uma photographia do Sr. Fritz)

Nós tínhamos por elle uma grande e velha amizade.

Conheciamol-o ha mais de vinte annos e fizemos o nosso conhecimento n'aquellas deliciosas *soirées* que dava a Maria Adelaide, uma actriz muito alegre, muito jovial e que de ha muito já dorme o grande somno.

Pedro Moreira era um dos *habitués* permanentes d'essas alegres partidas, que todas as semanas havia em casa de Maria Adelaide, um primeiro andar na rua do Loreto, quasi ao pé da rua da Emenda, e onde se reuniam as actrices mais gentis e mais distinctas do theatro de então, os actores mais em voga.

Quantos d'esses artistas estão já hoje no outro mundo!

A Gertrudes de D. Maria, a Margarida Loura, a Palmira, que começou a representar no Gymnasio sem feito nenhum para actriz e que mais tarde nos appareceu *etoile* no theatro do Principe Real, o Isidoro, o Polla, o Pinto de Campos, o Carlos d'Almeida, o Braz Martins, cu sei lá já quantos!

Pedro Moreira com o seu bom humor e com a sua grande habilidade para imitações artisticas era sempre um dos *Clous* d'essas depretenciosas e encantadoras festas, que acabaram com a morte de Maria Adelaide.

As suas imitações eram verdadeiramente primorosas, d'uma ilusão completa. Ouvil-o era estar a ouvir o Santos, o Tasso, a Emilio das Neves, o Polla, o Theodorico, o Braz Martins, o Rosa pae, todos os illustres actores do seu tempo.

Depois pouco a pouco os modelos que elle imitava foram desaparecendo e á medida que elles desapareciam, Pedro Moreira, por um sentimento delicadissimo de respeito para com os mortos queridos, ia os tirando da sua collecção, que ficou reduzida a nada.

Imitador excellente, curioso dramático distincto, mas não querendo nunca fazer do theatro carreira o Pedro Moreira resolveu-se um dia a ir pedir ao commercio o sustento para si, para sua mulher, para os seus filhos cujo numero ia crescendo.

Abriu uma lojinha d'ourives na rua do Ouro, n.º 103, numero que elle tornou rapidamente fallido em todo o Portugal pelos seus reclames em versos engraçadissimos, uns d'elle, outros do Paulo Midosi, um dos seus mais intimos amigos em prosas que elle arranjava em todos os jornaes, porque em todos os jornaes tinha amigos e sympathias, e a loja foi de vento em pópa.

Um dia porém o 103 sentiu se, como não podia deixar de se sentir, da crise geral, os negocios não começaram a correr mal, principiaram a correr menos bem. Pedro Moreira que era honradissimo, que tinha grandes encargos de familia, porque era um chefe exemplar, um pae amantissimo e tudo achava pouco para a educação de seus filhos—de seus filhos que muito intelligentes, muito applicados, muito bons filhos também, correspondiam a esses disvellos de seu pae dando-lhe enormes alegrias com os brilhantes resultados dos seus estudos—Pedro Moreira, diziamos, começou logo a assustar se com essa diminuição nas suas receitas. O terror de não poder satisfazer aos seus compromissos de commerciante, e ás suas obrigações de chefe de familia principiou a dominar-o com uma insistencia assustadora. Os amigos que começaram a vê-lo triste, macambuzão, exaltado a miudo, elle que era tão alegre, tão galhofeiro sempre, desconhecerao n'ó. O mil foi subindo, esse terror da pobreza, da *debacle* foi augmentando, foi se apossando d'elle até dar essa allucinação supreme do suicidio. Uma manhã fechou se no quarto e deu uns golpes no pescoco. Os golpes foram fundos mas curaram se. A exaltação que o dominava é que não se curou e dias depois de recolher do hospital de S. José a casa já curado das suas feridas, teve que sahir de casa para o hospital de Rihafolles com as furias da loucura.

Felizmente para elle esse medonho supplicio durou pouco tempo, a Providencia compadeceu-se do bom e querido Pedro Moreira e pôz ponto final no seu martyrio. Pedro Moreira morreu, e pode se dizer que morreu um grande coração, um bello espirito, um excellente amigo, um exemplar chefe de familia, um homem de bem.

Que Deus dê paz a sua alma e resignação á sua desolada esposa, aos seus estremecidos filhos.

S. Carlos tem continuado com as suas recitas. Uma d'essas recitas foi brilhantissima pelo aspecto da sala — a da recita de gala de 2 de janeiro. Outra foi brilhantissima pelo successo da opera — a da *Sonnambula*.

Na *Sonnambula* reapareceu a nossa gentil compatriota Regina Paccini: o astro que nós vimos ha poucos annos despontar no nosso palco e que nos volta agora já estrella de primeira grandeza.

Regina Paccini cantou e representou esplendidamente a *Sonnambula* e teve uma ovação enorme. Massini cantou a parte de Elvino, que de nosso tempo tinha sido sempre desempenhada por cantores insignificantes, e é claro que entre o Elvino feito pelo grande tenor e os outros Elvinos houve uma differença extraordinaria que deu enorme realce, e refex a novidade a velha e formosa paritura de Bellini.

Das outras duas operas que se cantaram, uma cabiu redondamente e justamente, a *Gioconda*; outra teve um meio *fiasco*, a *Carmen*, fiasco de que se salvou brilhantemente Amelia Stahl, que é uma das *Carmens* mais formosas e distinctas que ha no mundo lyrico, e que Lisboa já em tempo applaudira muito n'este papel.

A sr.ª Angeloni e o tenor Cappola que não agradaram, foram-se já embora e já veio um novo tenor que se deve estreir por estes dias nos *Puritinos*.

No theatro de D. Maria subiu á scena uma peça allemã espirituosamente traduzida por Accacio Antunes e que teve um brilhante successo — *O Tio Milhões*. É uma peça esplendida, cheia de typos magistralmente comicos e de situações engraçadissimas a que nos referiremos mais de espaço, limitando nos hoje a registar o successo da peça e o triumpho que n'ella tiveram Rosa Damasceno, Augusto Rosa, Joaquim Costa e Augusto de Mello, o illustre ensaiador do theatro de D. Maria, que n'ella reapareceu, como actor dos mais distinctos e intelligentes que nós temos.

Gervasio Lobato.

MANOEL BENTO DE SOUSA

N'aquelle dia memorando que viu a apotheose de um medico morto, foi que principiou, de conluio tacito, o jubileu de um medico vivo.

Morrera Barbosa, o principe da sua classe, o summo sacerdote da sua religião, e tudo se apresentava, transcorridos mezes, para as homenagens posthumas ás virtudes e meritos do venerando extinto. Vestiu galas o templo—não faustosa cathedra de gothicas arcarias, mas egreja de eremiterio onde a unção, o fervor e o alvoroço dos fieis suppriram lumes e colgaduras, brocados e tapeçarias. Celebrou se a festa. O auditorio pendeu dos labios do levita a quem fóra confiada a apologia do morto e ficou tomado de assombro, sentindo um por um os trechos da oração, enlevados ouvidos, crystallisarem em monumento que alçava ás nuvens a *dignidade professional*, tendo no suppedaneo as signas de Barbosa: esthetica operatoria, actividade indefessa e amoravel bonhomia. Ainda mal refeitos da turbacão estontadora, todos dispersaram segredando consigo: «*le roi est mort, vive le roi!*» Se este Manoel Bento quizesse...!»

E eis que, de toda a banda, os collegas rememoram, a imprensa proclama, e o estado galardeia a valia excepcional d'esta poderosa individualidade — unica ao presente, capaz de sopesar o sceptro de Barbosa, a quem é inferior n'este predicado só: o apego á profissião.

Manoel Bento de Sousa — patricio de Giraldes, o maior onatomico nascido n'este seculo em terra portugueza — é da gerarchia dos *fortes*. Nesta formula se concretisa a privilegiada compleição que tem por apanhagio um cerebro possante sobre um possante corpo, ou, o que vale o mesmo, o são e justo equilibrio entre todas as faculdades corporaes e animicas.

Forte de intellecto — a sua feição dominante é a profundidade. Vê fundo as questões e quando trata um assumpto exgota-o por inteiro, não circumscrevendo-o em volteios vertiginosos, mas penetrando-o e impregnando-o. Na apparente exterioridade, outros tem mais brilho, nenhum tal segurança. Chamam se dois artifices de opposto temperamento, para pregarem uma taboa; vem um que é lesto, aponta o prego e d'uma martelada o embebe; vem outro, pachorrênto, verruma o buraco e atarracha-lhe um parafuso. O processo de Manoel Bento é o do segundo artifice.

Se falla, a dicção é facil, correntia e lucida, e apesar de sobria em calor e tons, tão insinuante e de tal modo persuasiva que breve empolga o animo de quem o escuta. Escrevendo, a linguagem é

castiça e o estylo singelo, admiravel de atticismo, e de grande maleabilidade; pinta, descreve, sorri em ar faceto, caustica zombeteiro ou zurze fustigante, sem diatribes descompassadas e sempre descendendo a sinceridade bonacheirona.

Observador sagacissimo, espirito cultivado, tempera de artista, todos estes dotes exercita pujantemente na alçada da medicina sondando o corpo humano, e com singular luximento — o que é raro em clinicos — fóra d'esses dominios perscrutando a natureza, ou estudando a sociedade.

Forte de caracter — toda a soa historia de homem e de profissional é virgem de macula. E não obstante, foi lhe asperrima a vida por dilatado tempo, e tarde lobrigou os primeiros oasis da fortuna. Não admira. A honestidade é um trambolho e a geometria é uma péta; o mais extenso caminho entre dois pontos é a linha recta, para quem jornada pela estrada da virtude. Ora Manoel Bento chegaria n'um apice, como fizeram uns e se vê fazer a outros, se enfiasse por um desvio desatando o trambolho e mettendo-o na sacola, para o mostrar depois em entrando o povoado.

A extreme candidez do seu feitiço moral, se por um lado exclue toda a transigencia menos decorosa, distancia-se muito d'essa austeridade rispida e intratavel que, nem por ser real deixa em certas passoaes de ser ostentosa e não raro impertinente. É lhano e aflavel, brando e accessivel. De pretencioso e chão, repugna lhe acremente toda a casta de impostura; assim é que possuindo thezouros de misericordia para as fraquezas do proximo — as do corpo e as do espirito, uma só lhe desconcerta a natural placidez, — é a pedanteria. Também, desconheço quem possa equalal-o na sova a um pedante.

Forte de corporatura — Manoel Bento de Sousa é dos ultimos representantes de gerações galhardas, antecessoras da actual, nas quaes abundava a plastica viril que hoje tanto rarea mórmente em individuos dados ao culto das letras.

Deixem-me desafogar, ainda uma vez mais — porque já algures o fiz — as minhas preocupações sobre o ingente perigo que ameaça aniquillar — ou é obsessão minha — a raça portugueza. Que o nosso physico se abastarda e deperece, julgo o materia de facto facil de entrever, quando em cada classe, pelo menos das que exercem profissões liberaes, se comparam os modernos, de ordinario franzinos e de apoucada estatura, com os mais antigos que são por via de regia os mais alentados. E a confirmar-se o facto, que terrivel progressão seria a do decrescimento para assim transparecer entre gerações proximas e até mesmo contiguas!

Na destrinça das causas, multiplas e complexas, do amesquinhamento corporeo do portuguez de hoje, uma entre muitas deve por ventura ser incriminada: o derramamento da instrucção, mas d'uma instrucção que apenas sollicita a viscera cerebral e deixa os demais orgãos em atrophiante inercia. D'onde se deriva um de dois effeitos tão provaveis quanto nocivos: ou o cerebro se desenvolve e se enxerta como parasita sobre o resto do organismo que definha e se depaupera, e temos os deheis de corpo; ou o proprio cerebro, incapaz de receber a cultura intensiva que os processos d'ensino pretendem iniligrir lhe, se esfolia e se desequilibra, e temos os fracos de espirito.

Não pareça pois necessidade de frioleira gabar em Manoel Bento, com o peregrino caracter e a par da envergadura do seu talento primacial, a robustez do corpo. A harmonia do conjuncto é a ideal formo-ura d'uma organização superior.

Poderia restringir a estas generalidades a espinhosa tarefa que me foi commettida pelo director do OCCIDENTE, pressuroso em accorrer ao sympathico jubileu. Nem aos leitores que manuseam este jornal interessaria maiormente uma copiosa biographia ou desenvolvido estudo critico e bibliographico d'este emerito professor, nem a mim caberia empreza de tal tomo, encontrando-me a sós com o meu reconhecimento e a minha admiração, ambos por igual fervorosos mas impotentes, desajudado de recursos para biographo e critico do grande vulto medico.

Creio no entanto dever synthetisar a obra scientifica de Manoel Bento de Sousa no que elle tem produzido como anatomio-physiologista, como clinico cirurgião e como medico legista.

Encentára a carreira de professor da Escola medico-cirurgica de Lisboa no lugar de demonstrador da secção cirurgica que exerceu largos annos — de 1864 a 1875. Nesse lapso de tempo se lhe tornaram familiares, por convivio diurno, os infinitos meandros da anatomia humana a qual cultivou com arte e afincio, e lhe deu alicerces

para vir a tornar-se o que ousaria chamar um anatomico creador e simultaneamente um medico conspicuo e o mais perspicaz dos cirurgões da época. O que não brotaria de tão aturada labuta n'outro meio scientifico que não comportasse esta miserima penuria: — conquistar um homem, em trabalhoso concurso, um lugar de lente d'uma escola superior, e auferir do estado, por mais de onze annos, a gananciosa cifra de oito tostões por dia, ainda com o desfalque de ignobres alcavalas!

Em fins do anno de 1870, Manuel Bento de Sousa que possuia a fundo a anatomia e physiologia do systema nervoso, tinha colligida a massa de factos experimentaes e clinicos na qual baseou uma nova doutrina sobre *unidade gustativa* de que deu communicação em 10 de dezembro à Sociedade das Sciencias Medicas. Em seu entender o chamado *nervo intermediario de Wrisberg* constituiria sosinho o *nervo da gustação*, convergindo para elle, por tortuosos caminhos, todos os filetes que na area gustativa colhiam a sensação dos objectos sapidos. E' digna de lastima a sciencia portugueza, que tão pouco produz, por não poder ufanar-se da posse definitiva d'esta monographia, para a qual o auctor chegara a accumular todos os materiaes. O que veio a lume basta, no entanto, para firmar os creditos de Manuel Bento de Sousa como grande anatomico que sabia conduzir, por dedallos inextricaveis, o subtil escarpello e por fim pol-o de banda, se se tornava inutil, e usar com discernimento da dissecação physiologica.

Subindo à categoria de lente proprietario em principios do anno de 1876, coube-lhe a cadeira de clinica cirurgica, a primeira em importancia na respectiva secção e cuja cabal regencia demanda instantemente excepcionaes predicados.

Cada dia e sempre, o professor d'este curso se vê posto em foco, deante dos alumnos, como pathologista, como cirurgião e como operador. Em pathologia, a par de conhecimentos de abalizado medico, terá de possuir um saber vasto até à erudição, no que respeita ás doencas do fóro exterior; como cirurgião, hade applicar com propriedade, no caso concreto, a bagagem de pathologista; como operador, hade executar a tempo e bem cada processo cirurgico com que deva intervir. Em summa reunirá instrucção com senso pratico, perspicacia e segurança, e uma prudente ousadia.

Manuel Bento de Sousa, fartamente dotado com todas as aptidões para este cargo difficil, n'elle prestou serviços relevantes ao ensino e ganhou justos fóros de auctorizado mestre. São documentos escripto do seu elevado merito de prelector didactico, que expõe com clareza, correcção e criterio, n'uma forma adoravel de insinuante e singeleza que é segredo seu, as *Lições sobre syphilis* professadas no anno lectivo de 1877 a 1878 e publicadas em volume, segundo as notas tachygraphicas colhidas na occasião. Este livro encerra, além de boa critica — n'um assumpto doutrinario que bem carece d'ella — excellente observação e valiosos preceitos de utilidade practica.

Pouco mais ou menos pela mesma época, uma causa crime que deu brado em Portugal foi motivo de travar se formidavel contenda medico-judiciaria entre os peritos officiaes — um d'elles Manuel Bento — e os peritos officiosos, tres medicos de Coimbra, chamados pela defeza.

Pôde assegurar-se que em lingua portugueza nunca foi tratado assumpto algum de medicina forense com arremedo, sequer, da proficiencia e largueza com que foi feito, principalmente pelos medicos de Lisboa, o estudo do estrangulamento e do enforcamento. Ignoro até se já n'algum paiz e sobre um ponto scientifico, se colligiu a opinião actual e viva, em todo o mundo sabio, das sumidades reinantes, na especie debatida. Sob este aspecto, a segunda parte da *Questão de peritos* valeu para a sciencia mais que um congresso. Ora em ambas as partes — em que aliás collaborem os professores Sousa Martins e Curry Cabral — e, designadamente, n'um espirituoso opusculo, desopilante tarefa a um cretino de toga, viu-se bem assignalada a *griffe* de Manuel Bento.

Chegado o anno escolar de 1881 a 1882, este illustre professor — sempre o mais estremecido e o mais admirado pela mocidade academica, em todo o corpo docente — tendo requerido passagem da cadeira em que professava com tanto esplendor, voltou ao ensino da anatomia descriptiva que continuava a merecer-lhe mui especial predilecção, e foi n'essa regencia que prefez o tempo necessario para jubilar-se, o que foi decretado em 9 de setembro de 1886.

A prematura retirada para a solidão da familia, onde, pôde dizer-se, se acastellou inexpugnável a

doentes e a sãos, foi uma perda sem remedio para o magisterio superior, que por largo tempo continuará sentindo a sua falta irreparavel. E sente-a tanto mais que Manuel Bento de Sousa conta de idade 58 annos escassos e o seu vigor cerebral está ainda no zenith. Haja vista o estudo de historia portugueza, que vasado em moldes de comessinha palestra com sainete sarcastico, ha mezes veio a lume n'um jornal de Lisboa e se annuncia para breve publicado em livro. A psychologia morbida de certos personagens, que chegaram até nós, ou mal interpretados ou incompreendidos, é affirmada e definida em face dos conhecimentos de um ramo scientifico que, só na segunda metade do seculo actual, logrou atingir efficaz differenciação — a neuropathologia; sendo porventura a vez primeira que semelhante criterio é entre nós usado em indagações historicas.

Resta-me denunciar ainda outra feição, de tantas em que se desdobra o seu talento multiforme.

Manuel Bento, professor, anatomico e cirurgião, operador e medico legista, e em tudo insigne; amador das bellas letras — e, diga-se baixinho, até mimoso das musas que não lhe ficam mal (já o asseverava o bom Sá de Miranda); Manuel Bento de Sousa rende culto de idolatra a Ceres e Pomona, — amanha com esmero as suas vastas propriedades, e é principalmente versado horticultor e œnologista de fama.

J. A. Serrano.

OS PAÇOS MONASTICOS DE MAFRA

No seculo passado, um italiano, José Baretta, voio de Inglaterra em direitura a Lisboa, onde desembarcou a 30 de agosto de 1766, e saiu do reino pela raia de Hespanha, atravessando as terras transtaganas para chegar a Badajoz, onde estava a 22 de setembro d'aquelle anno. Durou pois a viagem o curto espaço de tres semanas.

De tudo o que viu, os bellos panoramas e os encantos naturaes do nosso paiz, as solemnidades e espectaculos publicos, a corte, os monumentos e as estalagens de provincia, onde, passados quasi cincoenta annos, lord Byron, que seguiu pelo mesmo caminho, só encontrou ovos e camas duras; de tudo Baretta fez chronica, larga e interessante, em cartas dirigidas a seus irmãos, que foram colligidas em volume, geralmente, muito estimado na Italia e fóra d'ella.

As cartas xxviii e xxix são quasi inteiramente consagradas ao soberbo edificio de Mafra, que Baretta muito appreciou no seu conjunto, fazendo, todavia, reparos, alguns dos quaes parecem de todo o ponto justificados, e outros não, o que é talvez devido à precipitação da sua visão.

São essas cartas mui pouco conhecidas entre nós e, por isso julgamos dever dar lhes o primeiro logar n'esta noticia dos paços monasticos de Mafra, na persuasão de que para muitos, senão para todos os leitores do OCCIDENTE, ellas serão porventura uma novidade.

CARTA XXVIII

«Mafra é uma villa distante seis leguas de Lisboa. El rei D. João V, pae do soberano actual, mandou alli erigir um convento tão grande que talvez não haja em todo o mundo dez edificios maiores do que elle. A primeira pedra foi lançada em 1717, e desde então lá se tem gasto muitos milhões de cruzados, sem que esteja de todo concluido. O edificio é quadrado, e cada frente mede trezentos e quarenta dos seus passos naturaes. Fica no centro a fachada da igreja, e para um e outro lado seguem duas extensas alas do palacio, que terminam cada qual por um torreão que me parece demasiadamente pesado para a base em que assenta. Se a construção d'esses torreões fosse algum tanto mais esbelta e atrevida, creio que agradariam mais à vista. A' esquerda de quem entra na igreja estão os aposentos do rei, à direita os da rainha. O plano inferior da fachada é dorico, romano o superior, se bem me recordo, passados dois dias que retenho com difficuldade estas insignificantes notas. A escadaria que do largo dá accesso à igreja accusa uma invenção muito feliz. O vestibulo é excessivamente acanhado para tamanho edificio, e muitas das estatuas que alli ha são grandes demais para as pequenas dimensões d'elle; — que, se fosse proporcionado ao resto da fabrica, e se as estatuas que teem o dobro do tamanho natural estivessem um pouco mais altas, ficariam melhor, a meu parecer. A igreja é rica de marmores e riquissima em para-

mentos. Tem onze altares, se a memoria me não fallia, e seis orgãos que hão de regalar os olhos e os ouvidos, quando estiverem acabados, e quando todos seis tocarem ao mesmo tempo. Todavia, é muito pequena em relação ao edificio; dá a lembrar uma creancinha adormecida no meio de uma cama grande; e é tão escura que se não vêem bem os marmores e as preciosidades que encerra. De uma e de outra banda da igreja ha dois patios muito espaçosos e a meu juizo, bellissimos. A architectura é jonica e as columnas e arcarias de proporções tão elegantes que mais não pode ser. Teem as duas aposentadorias reaes muitas salas e camaras grandes, altas e dignas de um rei. A mobilia estava arrecadada, porque, na ausencia da corte, o palacio fica desguarnecido; mas faziam-se já preparativos para o adornar, porque a familia real deve alli passar quinze ou vinte dias em outubro, como costuma todos os annos. As escadas d'esses palacios são tambem bastante nobres; e elegantissimas a cupula e as torres da igreja, que contem mais de cem sinos. Occupam os engenhos dos relogios uma casa muito vasta e compõem-se de uma quantidade innumeravel de rodas, supportes, molas, varas e vaquetas de ferro, e outras emburilhadas, capazes de aturdir o mais valoroso relojoeiro. E o dinheiro que taes engenhos custaram ao rei, e os tratos que à propria mente deu o artifice para os inventar foram, sem duvida, muitos; mas o effeito não é proporcionado à causa; e, a meu vêr, foi coisa absurda e ridicula desperdiçar tanto ferro, tanto arame, tanto trabalho, tanta despeza e tantas cogitações para pôr em movimento embates e martellos que produzem pouca e mesquinha musica. Isto basta a respeito da igreja e dos palacios. Venhamos ao convento, que, se é ou não vasto, digam-n'o trezentos padres e cento e cincoenta leigos que n'elle vivem, todos franciscanos desde o primeiro até o ultimo. Bem podeis crer que os seus dormitorios são extensissimos, e as cellas, de um e de outro lado, mais parecem camaras de prelados do que de frades. O refeitório merece verdadeiramente ser visto. Entrei lá pouco antes dos relogios se sentarem à mesa. Para cada dois padres havia um bello cangirão de louça fina, cheio de vinho, e um pão grande; e sobre um prato de madeira do Brazil seis figos, duas optimas peras, um cacho de uvas e um limão para cada um. Consta-me que são tres as suas refeições, tudo à custa do rei. A' meza toda a caterva dos frades é servida por leigos, postos detraz d'elles, como creados. No topo do refeitório ha outra meza grande, à qual se senta algumas vezes o rei, que com D. Pedro e alguns grandes senhores e cortezaes, janta em companhia dos reverendos. Tem o convento duas livrarias. Uma já está cheia de livros e a outra vae se enchendo. N'esta, todas as estantes de um lado contem obras portuguezas, em numero talvez de duas mil. Depois do terremoto veio esta a ser a maior collecção de livros portuguezes que havia no mundo, porque, entre outros grandes males que o terremoto causou a esta nação, um foi destruir pelo fogo muitas bibliothecas de Lisboa. Fez-me sorrir o vêr nas estantes de Mafra tantos livros *in folio*, em quarto e em oitavo, de genealogia. Oh! quantos aqui não ha! E estes livros genealogicos são talvez o alimento principal da insupportavel altivez dos portuguezes. Provavelmente, ella produziu primeiro alguns d'esses livros, e estes assoprraram depois a tal vangloria, de sorte que aquelles e esta, e esta mais aquelles se duplicaram e multiplicaram muitas vezes, muito mais do que poderia suppor-se. Ao contemplar tanta farragem de nobreza genealogica, passou-me a galope pela mente que um nobilissimo assassino tivesse necessidade de lêr grande numero d'aquelles livros que tratam da grandeza de seus avós e da castidade de suas avós para chegar a suffocar no seu espirito uma ideia que o sabio e culto povo da França extirpou, ha já muitos seculos. Ide lá dizer a um francez que bastas paginas de um livro de genealogia ficariam manchadas se uma mulher de qualquer das suas nobres prosapias der quatro passos fóra do caminho em companhia de um homem; — o francez rirá pelas costas, e, na verdade, vos julgara falto de juizo. Mas não saiamos da bibliotheca de Mafra. Afóra os livros genealogicos, contam-se entre os de lingua portugueza muitos de theologia mystica e escolastica, e de cronologia e historia nacional. Ha alguns volumes de sermões de quaresma, entre outros os do seu padre Vieira que, na opinião dos portuguezes, é descaradamente anteposto a Bourdaloue, a Tillotson e a Segneri. O exordio de uma predica que, abrindo ao acaso um volume, me cae debaixo dos olhos; é cousa pueril e tola. Começa pelos louvores do circulo, e o orador sagrado fechou o extenso e importante elogio de tal figura, dizendo que, se Deus



REAL MOSTEIRO DE MAFRA
(Copia de uma photographia)

Nosso Senhor tivesse de mostrar-se em qualquer figura geometrica, escolheria o circulo de preferencia ao triangulo, ao quadrado, á ellipse, ao exagono, ao decagono e a outra qualquer conhecida dos geometras. Esta especie de agudas futildades encanta os ouvintes portuguezes, quando a expressão é acompanhada de voz retumbante e de gesticulação de possessão. Eu abri o seu dicionario portuguez, e latino que consta de nove ou dez tomos em quarto, e é de notar que o padre Bluteau, da Companhia de Jesus, por quem foi composto, era francez e não portuguez. Aqui é muito estimado, e com razão. Mas, pelo que posso ajuizar como official do mesmo officio, não tem razão para o preferirem ao dos nossos da Crusca, e ao da Academia Franceza, posto que ambos elles sejam ainda muito deficientes.

heroes de Metastasio, e creados e amas a Mandane, a Vitellia, a Aspasia e a Deidamia e ás outras heroínas, que todos e todas vem fazer scenas carnavalescas por detraz das scenas heroicas dos seus patrões e patroas: *Risum teneatis, amici!* Na outra bibliotheca, que já está de todo cheia de livros, observei, de corrida, que os ha bons em grande quantidade; porém, o meu grande empenho eram os livros portuguezes, e os que eu mais ambicionava examinar; e, se não estivesse em companhia do sr. Eduardo, apesar dos insectos que tinham querido devorar me a noite antecedente na estalagem, teria passado em Mafra, pelo menos, uma semana inteira para os examinar com mais cuidado, e de penna em punho.— Saio agora da bibliotheca e volto ao convento. Uma das escadas é ampla, commoda e clara. O

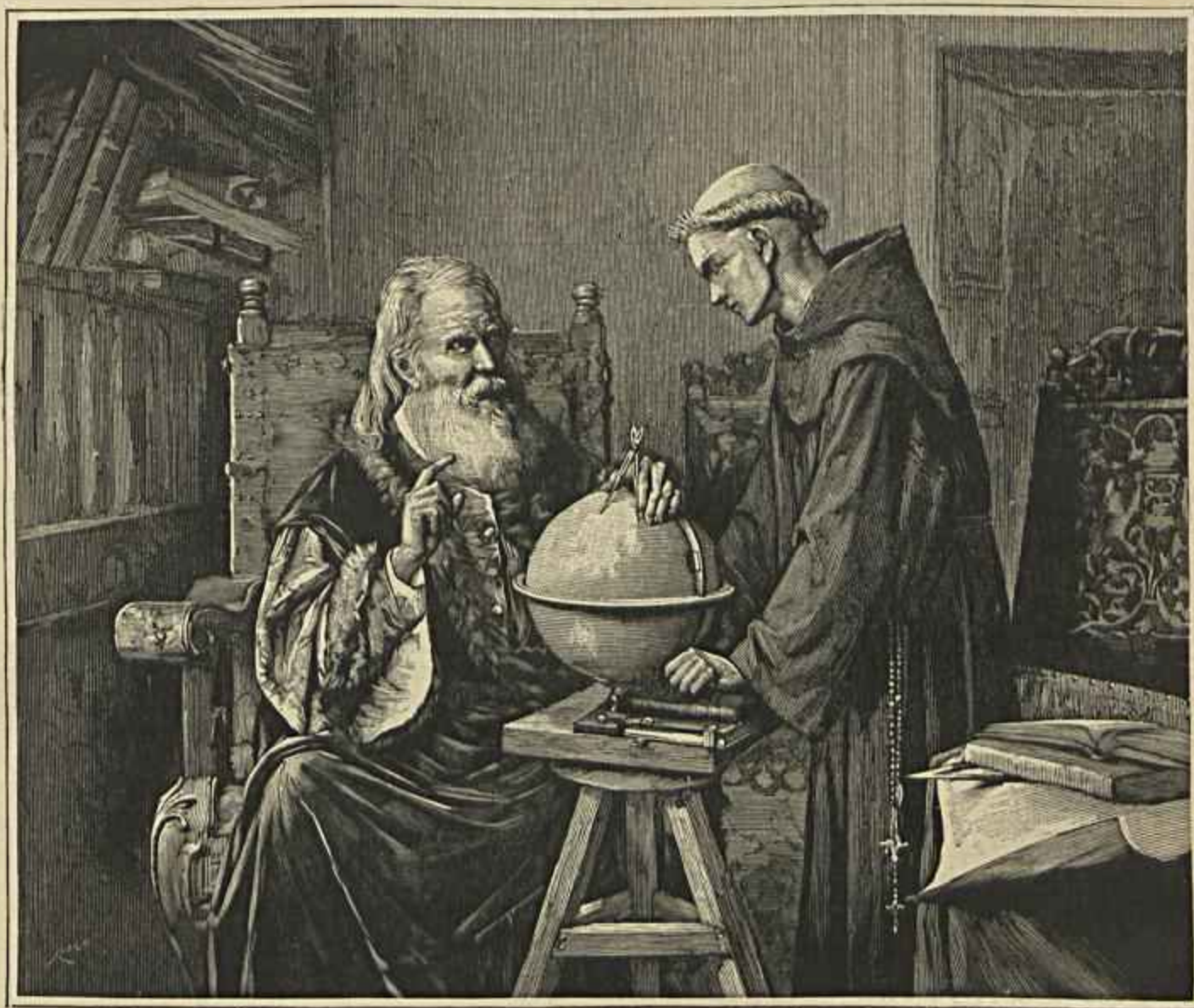
re branco, arredadas cerca de duas leguas de Mafra, forneceram o corpo do edificio, as columnas, e o pavimento; e os outros ornatos da igreja e de muitas partes do palacio e do convento são de marmore de diversas côres, todos muito bellos e tirados tambem de outras pedreiras da visinhança.— Mas eis o meu Africante com a caleça e as mulas. É mister cessar a escripta e ir jantar fóra de casa. Até á noite, se ao jantar me não succeder beber á ingleza. Entretanto, adeus.

CARTA XXIX

DO ORGANISTA E DO IRMÃO CARRILHANÓR
DE MAFRA

Lisboa, 15 de setembro de 1760, á noite. — Fa-

BELLAS ARTES



GALILEO, QUADRO DE FELIX PENNA

— Com permissão do padre bibliothecario, tomei e corri pela vista muitos outros livros portuguezes; mas em mais de quatro horas que levei a lêr aos pedaços, aqui e alli, não encontrei um pensamento que valesse a pena registrar. O estylo d'aquelles auctores que percorri é empolado e em desproporção com os assumptos que versam, e os nossos Achillini, e Ciampoli, e ainda os nossos Tesauri e Giuglaris, vertidos em lingua portugueza, não sahiriam mal. Pasma de que ninguém tenha pensado em pôr em portuguez o nosso Calloandro, a Diana, o Coralbo e a Eromena, e quejandos nossos primores de arte de intumescencia e de natureza hydropica. Desejei ver uma traducção recente de algum drama de Metastasio, mas ainda a não ha na bibliotheca. Afirmaram-me que o traductor portuguez poz muita cousa de sua casa, dando creados de librê a Arbaces, a Ecis, a Themistocles, a Achilles e aos outros

jardim dos padres não é bom, porque a rocha do monte sobre o qual se construiu este edificio foi quebrada á força de picareta e, por assim dizer, excavada. Esta singular escolha de sitio produz dois defeitos: um é ser o jardim estéril, nem poder deixar de o ser, excepto se levassem para lá, aos milhares, carros de terra para cobrir a rocha; o outro é que quem vae de Lisboa não vê o convento nem cousa nenhuma, senão já muito proximo de Mafra. Dos montes circumvisinhos avistam-se as summidades do edificio, mas quem quer vê-lo de cima a baixo tem de ir á pequenissima villa de Mafra (hoje denominada a Villa Velha), e observá-lo a distancia de um tiro de funda. O conuncto, porém, de toda a fabrica enche muito bem os olhos do observador, e muitas das suas partes são perfectas. O architecto foi um allemão que havia estudado muitos annos em Roma; esqueci o nome d'elle. As pedreiras de magnifico marmo-

zei de conta, irmãos, que ainda estou em Mafra. Depois de ter visitado toda aquella grande fabrica, mostrou-me o organista do rei todos os engenhos de um dos orgãos da igreja, por elle acabado. Não percebo muito de orgãos, a dizer a verdade, e tenho pena de ser mais ignorante do que deveria ser o a respeito do seu mechanismo; porque, desejando n'estas minhas cartas representar de verdadeiro viajante, isto é, de philosopho que observa todas as cousas, carecia ainda possuir acerca de tudo um conhecimento mais que mediano para poder falar mais do que mediocrementemente bem. Oh! quantas cousas me poria a aprender, se houvesse de recommençar a existencia, e maximas, qual mais vulgar e mais commum, que são as mais das vezes totalmente ignoradas d'aquelles que mais do que os outros presumem de saber! — Quizessem, ao menos, os senhores doutos confessar alguma vez a sua ignorancia inge-

nuamente, como eu faço, que digo não entender de órgãos agora que o organista me faz examinar o que está terminado. Contudo, o seu trabalho parece-me ser de singular mestria. O organista é de pequena estatura e uma das pessoas mais magras que tenho visto; mas o engenho que se contém n'aquelle seu corpinho é maravilhoso. Alcançou o emprego de organista real de preferencia a outros oito afamados mestres de órgão que el-rei tinha mandado vir de Italia, da Allemanha e de Flandres, vencendo-os todos com suas subtilezas invenções, entre outras, com uma trompa e um tremolo descobertos por elle no órgão que fez em competencia com os outros. E os dois immortalissimos cantores Caffarello e Egziello, e o mestre de capella David Perez e outros grandes musicos escolhidos pelo rei para emitirem a sua opinião sobre esses órgãos, sentenciaram a favor do organista pequeno, e declararam ser elle o mais pindarico organista do mundo. Chamou-se Eugenio Nicolau Egan. Natural da Irlanda, aprendeu a sua arte em Londres. Não lhe pagam na proporção dos seus raros talentos, e o mais somenos dos quarenta cantores da real capella de Sua Magestade Fidelissima tem tres vezes maior salario que aquelle engenhoso e vivaz pigmeu. Mas pouco se lhe dá a elle de riquezas. Refere a todos que encontra os seus passados triumphos, e repasce-se da immensa gloria adquirida em combater e vencer esses organistas, seus competidores e rivales, que foram todos mandados para as suas terras depois de, com eterna vergonha, se terem visto a braços com este Hercules em miniatura. Observado o órgão, e ouvido tocar por um dos trezentos padres franciscanos, o anão me levou a um flamengo que toca os sinos do convento, e é realmente o imperador dos sineiros, porque, além dos minuets gigas e sarabandas, e outras habilidades que sabe fazer com os sinos para recreação da familia real, quando está em Mafra, tem ainda em sua casa uma galanteria que merece por sua singularidade os olhares benignos dos viajantes. Quero dizer que inventou dois instrumentos musicos, a modo de cymbalos, que não sei bem como descrever por palavras. — O sol começava a descer no horizonte; dei no meu pequenino irlandez um abraço muito apertado e o mais extremo adeus de todo o coração; depois subimos a caleça e voltámos para Cintra, povoação distante de Mafra nove a dez milhas. A estrada de Mafra para Cintra é das peores que ha. Como sahio das mãos da natureza, assim os homens a deixaram e os carros a fizeram. Toda a região intermedia é um deserto vivo. Na jornada faltou-me o tempo para me apeiar e visitar as pedreiras d'onde se extrahiram os marmores, e contentei-me com a vista passageira de muitos cepos grossissimos e de algumas fontes e compridas columnas que alli jazem n'aquelle deserto, e são destinadas para Mafra.

(Continua).

Alberto Telles.

GALILEO

Dizer Galileo, é dizer — o creador da philosophia experimental. D'elle dimanaram todos os principios positivos em physica e foi elle quem descobriu a formula da queda dos corpos, formula pela qual chegamos até a saber o peso da terra.

Attribue-se-lhe tambem a invenção do telescópio, do thermometro, do compasso de proporção, balança hydrostatica e o pendulo.

Da primeira é que se duvida, mas as ultimas são exclusivamente suas, e mesmo d'aquella, diz-se que, se não inventou o telescópio, pelo menos construiu-o sem ter visto nenhum. N'um dos seus escritos elle o diz, nas seguintes phrases: «Construí um tubo de chumbo, e adaptei-lhe ás extremidades, de um lado um vidro concavo e á outra um vidro convexo. Obtive emfim um apparelho tão excellentemente que me permite ver os objectos mil vezes maiores que com a vista desarmada.»

Com esta descoberta Galileo descobriu na lua as montanhas, cuja altura medio aproximadamente. Explicou a natureza da luz parda, que se chama *ceadrada*, e desenhou a forma da lua quando se vê apenas um crescente, e demonstrou que essa luz era enviada da terra fortemente illuminada pelo sol. E não só descobriu isto sobre a lua, mas muito, tanto, que pouco mais se tem adiantado.

Observador atilado foi devido a esta qualidade importantissima que elle inventou o pendulo para a medição do tempo. O caso passou-se assim, pouco mais ou menos.

Certa occasião em que se achava na cathedral

de Pisa, descaçou a vista na grande lampada suspensa da abobada.

Veiu um altareiro, acendeu-a e a lampada começou a oscillar, isto é movendo-se da direita para a esquerda e inversamente sahindo da primitiva posição que era a vertical mas voltando a ella. Galileo notou o facto e pareceu-lhe que o espaço de tempo decorrido entre duas passagens successivas pela posição vertical era sempre igual, apezar da altura, a que a lampada chegava no seu movimento, ir diminuindo cada vez mais.

Querendo certificar-se do que observara, tomou o pulso, contou o numero de pulsações correspondentes á duração de cada uma das passagens, e viu que todos os numeros eram eguaes. D'esta experiencia concluiu que um pendulo (um corpo pesado suspenso na extremidade d'um fio e seguro n'um ponto fixo) sendo desviado da sua posição, executando oscillações mais ou menos amplas, mas cuja duração não varia, era o instrumento preciso para medir o tempo, idea que mais tarde foi posta em pratica por um physico hollandez chamado Huyghens.

Galileo nasceu em Pisa, grão ducado de Toscana, no anno de 1564, aos 18 de fevereiro. Filho d'uma familia nobre mas pobre cujo chefe era Vicente Galileo, este lhe ensinou musica e desenho de que, era cultor distincto, mas não obstante Galileo revelar rara aptidão, a todo o momento dava mostras de que o estudo das sciencias era o que o attrahia.

A vista d'isto — ainda que com grande sacrificio da familia, entrou na universidade de Pisa para cursar a medicina.

Tinha elle então vinte annos.

Conta-se, que gostando Galileo, em extremo da mathematica, seu pae frequentes vezes lhe prohibia o estudal-a, receioso de que, distraindo seu espirito para assumptos diversos, padecessem algum damno os da medicina.

Em breve abandonou a medicina pelo estudo da mathematica para o qual tinha grande inclinação e taes progressos fez que, na idade de 24 annos, foi nomeado professor da universidade de Pisa. Nesta cidade o seu arrojado em ideias sobre physica foi tal que por contrarias ás opiniões recebidas e ás doutrinas correntes, moveram-lhe tantas insidias e desgostaram-no de tal modo que em 1592 resignou a sua cadeira; contudo pouco depois foi nomeado professor, em Padua, onde fez grandes interesses, pois ganhava uns 520 florins (1.040.000 réis) e de então datam as suas maiores descobertas.

Em 1602 foi contractado por outro espaço de tempo equal ao que já decorrerá; isto é dez annos. Entretanto dedicou o seu telescópio ao senado de Veneza e por essa occasião fizeram-no professor vitalicio, e deram-lhe a retribuição de mil florins. (cerca de dois contos de réis).

Havia passado vinte annos a ensinar, mas os affazeres officiaes não permitiam o continuar ás suas experiencias e investigações e o grão duque de Toscana, que tinha por elle grande affeição, e instou para que voltasse a Pisa.

Corria-lhe a vida perfeitamente, mas a taça não fóra esgotada, os ultimos annos foram-lhe bastante amargurados. Publicara uma obra em que expunha o movimento da terra e a immobildade do sol segundo o systema Copérnico. Foi em 1633 denunciado pelos invejosos á inquisição de Roma por querer interpretar a Biblia a seu modo para accommodar com o systema de Copérnico. Condemnado na idade de setenta annos foi obrigado a abjurar de joelhos as suas arriscadas interpretações, e foi privado da sua liberdade por tempo indefinido. Conta-se que, depois de ter pronunciado a abjuração disse em voz baixa: «*E por si muove;*» e apezar disso ella move-se (a terra) Como curiosidade damos parte d'essa abjuração que a igreja reaccionaria redigiu.

«Eu Galileo, ajoelhado perante vós eminentissimos e reverendissimos cardeaes da republica universal christã, postos os olhos e as mãos nos Santos Evangelhos, juro que sempre acreditei, acredito agora, e com o auxilio de Deus hei de acreditar no futuro tudo o que prega e ensina a Santa Igreja Catholica e Apostolica Romana. . . Foi julgado suspeito de heresia, por haver sustentado que o sol é o centro do mundo e está immovel, e que a terra não é o centro e é movel.»

E continúa este escripto mas felizmente a ideia do grande Galileo surgiu alva e pura como a virgem dos ceus.

Alguns escriptores dizem, o que não é exacto, que elle estivesse mettido nos carcerees da inquisição e ahi morreu.

Teve por prisão o quarto de um dos officiaes do tribunal, vigiado sempre pelo Santo Officio, permittiu-se-lhe porém depois residir n'uma casa

de campo junto a Florença e continuar os seus estudos; mas Galileo nada mais quiz publicar.

Na idade de 74 annos perdeu a vista e morreu 4 annos depois em 1642. De Galileo os obras principaes são: *Siderius nuntius*, em que expõe as suas descobertas astronomicas; *Quatro dialogos sobre os systemas do mundo de Copernico e Ptolomeu*, obra que lhe valeu a sua condemnação e que é o melhor trabalho já pelo estylo, já pela sciencia.

Escreveu mais, *dialogos sobre o movimento e resistencia dos fluidos*.

Trez livros sobre o movimento local. Trez sobre mechanic.

Digamos agora que o trabalho de Galileo vale tanto como o dos sabios modernos.

E um só homem não faz uma sciencia. Esta, é o poder dos seculos combinado com o dos genios. Ou por outra os seculos confundiram na sciencia a sua vagarosa elaboração e os genios.

«Esses espiritos privilegiados — incorporam-lhe a parte mais viva e radiosa do pensamento.»

Assim diz um distincto escriptor e continúa:

«A sciencia é collectiva, antiga, fortifica-se a pouco e pouco, baseia-se em verdades que tambem a pouco e pouco se foram demonstrando, e confia nos grandes problemas, porque já possui a solução de questões elevadas de hoje, que serão amanhã questões do segunda ordem.»

«O mesmo se poderia dizer comparando o simples telescópio de Galileo, com os aperfeiçoados instrumentos opticos, que hoje se fabricam ou fazendo o confronto dos outros inventos a que nos referimos, com as suas modernas consequencias e applicações.»

Galileo foi portanto um dos homens, que deixou maior vestigio da sua passagem pela terra.

O amor, que dedicou á sciencia, não se revelava apenas nas suas obras immortaes. Traduzia-se pela sua actividade infatigavel em recrutar adeptos, em derramar luz, em excitar por toda a parte o entusiasmo e ardor das investigações.

Foi este o assumpto que inspirou o distincto pintor mexicano Felix Penra cujo quadro damos.

E. P.



AS NOSSAS GRAVURAS

COLONIA

A cidade de Colonia, situada na margem esquerda do Rheno, é das mais antigas cidades da Allemanha, pois foi fundado pelos ubianos 37 annos antes de Jesus Christo. Patria de Agrippina, mulher do imperador Claudio, foi por este muito augmentada e deu-lhe o nome de Colonia Agrippina.

Foi capital da segunda Germania e depois comprehendida na monarchia dos francos em 475. Cinco seculos depois, em 957, o Grande Othão deu a Colonia fóros de cidade livre e imperial.

Seguiram-se dois seculos de esplendor para a velha cidade que occupou, então, um logar importante na liga anseatica, sustentando tambem grande commercio com o Norte.

Em 1797 os francezes tomaram Colonia e durante 14 annos foi capital de um districto no departamento de Roer. Em 1814 porém, ficou pertencendo á Prussia e hoje faz parte do grande imperio Allemão, fazendo o seu governo parte da provincia Rhenana que comprehende a antiga Colonia e os ducados de Berg e Juliers com cerca de quatrocentos mil habitantes.

Possue Colonia muitos edificios monumentaes, mas o mais importante é a cathedral, que tantos annos esteve por concluir, o que deu logar a uma lenda allemã bem conhecida. Ha quatro annos, porém, quebrou-se o encanto, e os architectos conseguiram emfim concluir o notavel monumento, com as suas torres de extraordinaria altura como se vê em a nossa gravura.

Na idade média foi Colonia muito visitada pelos romeiros de toda a Europa que ali affluam a adorar as preciosas reliquias dos tres Reis Magos e das Onze Mil Virgens.

E' a patria de Rubens, o grande pintor.

Nos tempos modernos o nome de Colonia tornou-se universalmente conhecido pela excellencia da sua agua perfumada denominada *Agua de Colonia*, invenção de João Maria Farina, em fins do seculo passado.

Aqui tem as nossas leitoras a cidade que dá o nome ao bello perfume com que aromatizam os seus lenços e vestidos.

ARBITRAGEM INTERNACIONAL

III

AS QUESTÕES ENTRE A HESPAÑHA E PORTUGAL
DE QUE MODO TEEM SIDO RESOLVIDAS

(Continuado do n.º 503)

IV

Senhores: — Os dois povos da península ibérica, hespanhosa e portugueza, vivem entre si, com uma linha de fronteiras, que serpejando seras ou descendo ao leito de rios e ribeiros, que segue e atravessa, — mede 1:002 kilometros. Ao começar na provincia de Entre-Douro e Minho, estende-se até aos mares do Algarve; e quer ao norte, quer ao sul, topa tres rios a delimitarem as duas nações: — o Minho, o Douro e o Guadiana. É-lhe, pois, extensa, a raia secca; menor é a raia molhada. Vizinhas e amigas, as duas nações, da mesma raça, de analogas tradições, de gloria, identicas leis fundamentais, igual religião, provada conveniencia de estreitar as relações de commercio, e grande estima e maior respeito mútuo, que, dia a dia, cada vez mais se afirmam e rebastecem, — vae para dois seculos que nenhum conflicto de valor as separou. Os que advieram foram constantemente decididos em paz e de bom accordo. Assim, entre os dois povos só teem surgido e estão pendentes as questões habituaes e repetidas, que, não raro acontecem entre os habitantes de territorios limitrophes. Esses casos occorrentes podem, em synthese, enunciar-se da seguinte maneira:

Na raia secca — invasão de fronteiras, tomada e apprehensão de gados;
Na raia molhada, rios e mares jurisdiccionaes; — pescarias;
— Communs ás duas raias — invasão de fronteiras, recrutamento, extradicação, contrabando, negocios de commercio e transitio.

Estas são as questões que se teem levantado, e podem ainda debater se entre os dois povos iram, mãos; e a delimitação do territorio ainda pende, em parte. Póde trazer o acaso, que outras succedam no mar ou em terra; mas em circumstancias diversas: tal um conflicto de jurisdicção; ou em circumstancias anormaes, por exemplo, quando a conflagração de outros povos exiga a observancia de determinadas prescripções do direito das gentes; prescripções, que, por incuria, malevolencia, paixões ou ignorancia, os cidadãos e auctoridades de qualquer dos dois paizes, podem infringir, e que será necessario resolver. Guardadas assim as hypothèses de presente e do futuro, vejamos se ha mister de um tribunal para conhecer e decidir dos casos occorrentes entre as duas nações.

I

A questão de limites (territorio, pescarias, tomada e apprehensão de gados, etc.) é uma questão séria, como sérias são todas as questões de propriedade. Por causa da linha divisoria e jurisdicção dos dois povos, rixas e conflictos se tem originado. E ainda que elles, dando se entre a gente rude e ignorante da raia secca, ou aquella das ribas e costas dos dois paizes, tenham um caracter individual, é certo, ás vezes os bríos nacionaes offendidos podem tirar aquelles actos de multuários a sua indole: d'ahi a necessidade de os resolver e de os evitar. No empenho teem persistido em esforços, e no melhor accordo, a Hespanha e Portugal. Dos seculos XIV e XV datam os primeiros codices sobre pendencias d'esta natureza; e foram sempre os commissarios e arbitros, nomeados pelos governos dos dois povos, a quem encarregaram de os estudar e dirimir. (Noticia sobre a Contenda de Moura, pag. 21 a 24). No seculo XVI deram elles sentença em uma questão de limites, de que foi objecto a — *Defeza da contenda de Moura*. — extenso territorio de 122 kilometros, 88 hectares, 94 hares e 7 metros quadrados de superficie, entre a provincia do Alemtejo e a antiga e grande divisão do reino de Sevilha. Re-

gulando a fruição d'aquelle territorio entre as populações limitrophes, é o tratado feito entre Portugal e a Hespanha, em 1542, denominado *Contenda de Moura*, notavel e precioso documento para a historia da arbitragem; porque foi um tribunal constituido dos juizes commissarios D. Alonso Fajardo, por parte da Hespanha, e D. Pedro de Mascarenhas por parte de Portugal, quem se decidiu o pleito; e isto, considerando todos os meios de prova acceitos em juizo regular — as victorias, as testimunhas, usos e costumes dos povos, sua posse antiga, e o direito allegado pelas partes. Em 1803, porque se repez issem com maior acrimonia as discordias dos povos, que usufruam a dita *Contenda*, nomearam os governos de Hespanha e Portugal novos commissarios que procedessem á divisão d'aquelle terreno. Foram, do lado de Portugal: — o tenente general Gonçalo Pereira Caldas, e depois o brigadeiro José Antonio da Rosa; e do lado de Hespanha, — o brigadeiro D. Francisco Fersen, e fallecido elle, o sargento mór de engenheiros D. José Gabriel. As conferencias d'estes arbitros não alcançaram resultado de proveito, porque, confiando o governo portuguez nos documentos e uso antigo, só havia auctorizado o seu commissario de aceitar a divisão por metade. É digna de apreço, sobre a questão, a nota do conde de Campo de Alange, embaixador de S. M. Catholica, dirigida ao governo portuguez em 19 de setembro de 1805. Nos ultimos oitenta annos, doados desde as conferencias d'aquelle epocha, não encontramos resolução alguma que mereça referir-se. Mas ambos os povos desejavam ver dirimida a questão pendente, pelo que, em 1885, havendo sido nomeado pelo governo de Hespanha, seu commissario de limites, o coronel graduado D. Maximo Ramos y Orcajo, foi este incumbido de proceder a um projecto de divisão da *Contenda de Moura*, de accordo com o commissario de Portugal o coronel do estado maior Sebastião Lopes de Calheiros, ministro de estado honorario. A planta official da *Contenda* fôra feita em 1805 por officiaes hespanhoses; mas, porque ainda não fosse bastantemente individuada já a actual commissão de limites mandou levantar uma outra planta topographica mais minuciosa. Esta, e a memoria de um dos ajudantes do commissario portuguez, o capitão Ribeiro Arthur, que discute a concordata de 1542, e o direito positivo cuja letra e interpretação podem servir para o julgamento do pleito internacional, — são as que hoje, com esta nossa memoria, temos a honra de submeter ao Congresso.

A *Defeza da Contenda de Moura* é, portanto, uma questão pendente; e na linha divisoria de terra d'esta importancia, nenhuma outra se nos depara; pois a demarcação exacta dos limites dos dois povos, havendo merecido ultimamente a maior attenção dos dois governos da Hespanha e Portugal, acha-se em termos de ser concluida. Para tanto não pouco teem feito as commissões mixtas de limites. A primeira, nomeada em 1855,¹ composta dos delegados de ambos os povos, e regendo-se pelas instrucções de 9 de agosto do mesmo anno, mutuamente acceptas pelos dois governos, foi quem, depois de haver celebrado suas sessões em Lisboa e no reino vizinho (Vigo, 19 de setembro de 1855) proximo da fronteira, e feito estudos, tirado desenhos, e levantado plantas, foi essa commissão, repetimos, a que habilitou, com seus trabalhos, constantes das actas das conferencias (Ministerio dos Negocios Estrangeiros), as duas nações a celebrarem o *tratado de limites de 29 de setembro de 1862* e seus annexos de 4 de novembro de 1866. Assim, estabelecidas nos artigos d'aquelle convenio os pontos principaes da raia de ambos os estados, na parte correspondente de suas fronteiras, só resta hoje, para se ultimar com a precisa exactidão a linha divisoria internacional, a immediata collocação dos marcos necessarios e a sua cabal descripção geometrica. A primitiva commissão, nomeada em 1855,² ainda conseguiu collocar alguns marcos em 1867; mas, modificada por vezes no seu pessoal tanto hespanhol como portuguez, por conveniencias de serviço e outras, foram os commissarios ultimamente eleitos os que teem cumprido essa tarefa. O decreto de 3 de abril de 1870 nomeia para tal fim o

coronel do estado maior, Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, ministro de estado honorario; e, porque em novembro de 1882 viesse residir em Portugal o novo commissario da Hespanha, o coronel D. Maximo Ramos y Orcajo, — são estes dois officiaes superiores, propriamente, os commissarios de limites; pertencendo-lhes não só proceder ao estabelecimento e collocação dos marcos para a exacta linha divisoria dos dois paizes, mas igualmente resolver quaesquer questões sobrevindas n'essa demarcação. Teem, pois, no desempenho de seus deveres, tambem attribuições diplomaticas (artigo 24.º do tratado de 29 de setembro de 1862). Até aqui, era o commando do corpo do estado maior (então direcção geral de engenharia) quem mandava, nas epochas proprias, grupos de officiaes a levantarem a planta da fronteira. E na realidade conseguiram effectuar a das margens do rio Minho; mas, surgindo difficuldades por não terem aquelles officiaes cabal conhecimento do tratado e seus annexos, e porque se originassem attritos de commando, tal o motivo, porque foi transferida para os commissarios de limites a parte tecnica da demarcação das fronteiras. Hoje, composta a commissão mixta de 8 officiaes,³ tem dado cumprimento a todos os trabalhos da linha divisoria, e resolvido as questões de extremas que se teem originado. Pelo que, sendo a linha da fronteira dividida em quatro secções: — a 1.ª do Minho ao Tamega; a 2.ª do Tamega ao Douro; a 3.ª do Douro ao Tejo; e a 4.ª do Tejo ao Guadiana, confluencia do Gaya, — já a commissão actualmente em exercicio levantou toda a planta da extensa raia dos dois povos, faltando tão apenas a parte comprehendida entre o rio Tamega e o rio Maças, a noroeste de Vimioso, o que faz parte da 2.ª secção; — igualmente já assignou em Vianna do Castello, a 20 de dezembro de 1886, a descripção geometrica da fronteira, ou dos 801 marcos que determinam a linha divisoria dos dois paizes — desde o Minho ao Guadiana; — e finalmente pôz os marcos na parte correspondente ás duas primeiras secções (Minho ao Tamega; Tamega ao Douro), restando tão apenas collocar os nas outras duas. (Livros entregues no Ministerio dos Negocios Estrangeiros a 19 de maio de 1888).

Do mesmo modo teem resolvido as seguintes questões:

1.ª — A da *Duvida*, no districto de Portalegre, sitio d'aquelle nome, proximo da povoação hespanhola *El Pino*, que olha a freguezia portugueza de S. Julião. Esta pendencia, nasceu em 1884, ao ser construida a cazeta de um posto avançado, a quando ao estabelecimento do cordão sanitario, pois teimavam os habitantes d'aquelle povo estar dentro do seu territorio. Resolvida em 1877; collocaram-se os marcos n.ºs 691, 692, 692 bis e 693, evitando-se d'este modo complicações futuras. De tudo se lavrou acta, que foi assignada pelos dois commissarios.

2.ª — A da *Contenda*, que vem de ha trez seculos. Este terreno, de 122 kilometros quadrados, está fóra do tratado de limites.

3.ª — A de *Refestos*, por ultimo levantada, de vez resolvida pelo tratado conforme o artigo 22.º e que só é filha da ignorancia que d'elle teem as auctoridades. Está resolvida, e a resolução dos commissarios foi enviada ao governo em 11 de julho do corrente anno.

(Continúa)

Conde de Valençães.



REVISTA POLITICA

No dia 2 do corrente abriu o chefe do Estado o parlamento, formalizado da Carta Constitucional, que se cumpre todos os annos com rigorosa pontualidade, que faz inveja a tantos outros artigos da cidade Carta, que de ha muito se sentem envergonhados e tristes, no abandono a que os votaram.

Parece que por medida economica do governo, foram supprimidas as girandolas de foguetes, que costumam annunciar a abertura do tempo das leis.

Nós felicitamos o governo e os illustres representantes da nação (modo de dizer), pelos foguetes

¹ Tratado de paz de 13 de fevereiro de 1668, entre a Hespanha e Portugal por medição da Inglaterra (Vide Collecção Castro, t. I, p. 357).

² Tratado de paz e amizade de 6 de fevereiro de 1713 (Utrecht, Castro, t. II, v. p. 762).

³ Acto de accessão de Portugal ao tratado definitivo de paz entre a França, Grã-Bretanha e Hespanha, de 10 de fevereiro de 1763. (Castro, t. III, p. 160).

⁴ Tratado de amizade e garantia de 11 de março de 1778. (Castro, p. 298).

⁵ Tratado da quadrupla alliança de 22 de abril de 1834; e artigos addicionaes de 18 de agosto de 1834 — Portugal, França, Grã-Bretanha e Hespanha Trocadas as ratificações a 31 de maio do mesmo anno. (Collecção Castro, t. VI, p. 126 e 142.)

¹ Vejam-se os decretos de 14 de julho de 1875, e de 9 de junho de 1888, que constituiram a secção portugueza com dois officiaes do corpo do estado maior.

² Fôra constituida, na sua parte tecnica, com Frederico Leão Cabreira e Guilherme Antonio da Silva Couvreur, o primeiro brigadeiro e o segundo major de engenharia do exercito portuguez; e D. Ramon Madina y Orbeta, commandante graduado, capitão do real corpo de engenheiros do exercito hespanhol; — e na parte diplomatica representavam na commissão a Hespanha o seu ministro residente em Lisboa D. Fidencio Bourman e D. Evaristo Peres de Castro, secretario de legação de 1.ª classe.

³ A commissão actual é composta dos officiaes portuguezes: — Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, general de divisão; José Manuel d'Elvas Cardeira, tenente coronel do corpo do estado maior; Gaspar Antonio d'Azevedo Mira, capitão do corpo do estado maior; Carlos da Silva Pessoa, capitão de infantaria; e Bartholomeu Sesinando Ribeiro Arthur capitão de infantaria; — e dos officiaes hespanhoses: — coronel D. Maximo Ramos y Orcajo; D. Emilio Godinez, tenente coronel do corpo do estado maior; e D. Miguel Corrêa Oliveira, capitão do corpo do estado maior.

a menos, o que, além de ser uma economia apreciável, acaba com o ponto de comparação que muitos encontravam entre a casa do parlamento e uma praça de toiros.

Foi muito bem acabado, não ha duvida, e só quem não estará de accordo com a suppressão das girandolas são os fogueteiros e os garotos que corriam a apanhar as cannas.

Por esta economia pôde-se já avaliar os bons desejos que animam o sr. Dias Ferreira de acabar com o deficit, e quanta razão tem s. ex.ª para pedir augmento de impostos, dando nos a certeza de que não é para gastar em foguetes.

Sobre o augmento de impostos, que se anda ferrolhando nas medidas de fazenda, já aqui temos expellido o que pensamos, sempre que se tem agravado os impostos existentes, e por isso inutil é repetir que não approvamos semelhante expediente, que vae ferir os contribuintes, continuando a deixar á vontade os que não pagam nada ou muito menos do que devem pagar, por mil e um motivos em que o principal é as eleições.

E no entanto, o augmento de impostos parece ser o recurso principal das propostas de fazenda que o sr. presidente do conselho conta apresentar ao parlamento, no dia 16 do corrente, dia em que o mesmo parlamento deverá estar constituído. Isto é o que transpira cá por fóra, porque as medidas de fa-

os poderes, proclamado os deputados, o que tem dado certo trabalho, por causa da duplicação de diplomas com que alguns representantes da nação se tem apresentado.

Pôde-se quasi dizer que é uma dupla representação, tantos são os *doubles* representantes que varios circulos mandam as cortes.

Por enquanto o diploma mais discutido e mais divertido tem sido o do circulo de Pinhel, mas devem apparecer ainda mais.

Nós á vista d'esta abundancia de deputados a representarem os mesmos circulos, não podemos deixar de render louvores ao sr. Dias Ferreira pela sua medida economica da suppressão de subsidio aos deputados.

Vê-se que mesmo de graça ha com abundancia quem queira servir a patria, e n'estes casos ainda resta mais um recurso economico ao sr. presidente do conselho; decretar para as legislaturas futuras, que quem quizer ser deputado deverá pagar direitos de merecê e o seu logar de cadeira na sala do parlamento.

E verá como de uma coisa que até aqui costava á nação algumas dezenas de contos, faz uma nova fonte de receita para o thezouro.

Isto faz-nos lembrar um tocador de bombo que havia no regimento de infantaria n.º 16, de que se contam anedotas muito engraçadas. Eis uma:

Este folheto em quarto francez é formado por trinta e duas paginas. É seu auctor M. Jean Garié, advogado; presidente de *l'union des porteurs français de rentes portugaises*.

É uma memoria que foi apresentada ao *congresso internacional da paz*, reunido em Berne, no mez d'agosto de 1892.

Um dos seus temas é a arbitragem internacional como geradora da suppressão da guerra; citando a *Hanse* dos seculos XII a XV que estabeleceu para as questões commerciaes algumas jurisdicções cujo espirito é um pouco — a arbitragem.

N'um dos capitulos *LA CRISE PORTUGAISE* lêem-se algumas linhas muito lisongeiras — que são á semelhança do dourado d'uma pilula, para ser tomada com menor repugnancia.

Depois seguem as resoluções tomadas pelos crédores de Portugal que se reuniram em 8 de fevereiro no Hotel Continental (Paris). Eram ao todo 1075 os crédores.

Acabando, synthetizam assim estes senhores o que querem:

«Pedimos: a criação d'uma commissão d'arbitragem ou d'um tribunal de commercio internacional e permanente, na Suissa.

«Organisação de vias pacificas para pôr: — Interdicção Internacional, ao estado que não aceite a pena ou a sentença imposta.»



UMA VISTA DE COLONIA.

zenda conservam-se por ora em impenetravel mysterio. O pouco, porem, que se sabe parece ser verdade, porque um certo movimento militar que o governo está fazendo muito disfarçadamente no Norte do paiz, com a nomeação do sr. general Moreira para commandante da 2.ª divisão, e a mudança de alguns regimentos do Porto, em que já se falla, parecem mostrar que effectivamente anda moiro na costa, tanto mais que o Porto parece não estar bem disposto a aceitar o augmento do imposto de consumo, que se diz fazer parte das novas medidas de fazenda.

Ora os impostos indirectos tem sido elevados ao maximo da exorbitancia, se assim se pôde dizer, do que resulta a caristia de todos os generos de consumo, tornando cada vez mais difficil a vida para os remediados e de cruel penuria para os pobres.

E ao passo que os impostos indirectos aggravam cada vez mais a vida para a grande massa de povo, sem um grande resultado para o thezouro, os impostos directos enganam-se muitas vezes no caminho e não ha meio de os fazer acertar de modo que todos paguem o que devem pagar.

Mas lá vamos nós, sem querer, voltar ao ponto sobre que não desajamos insistir, para não nos chamarem massador.

Voltemos antes á sala do parlamento, donde o leitor quer saber, com certeza, noticias.

D'alli poucas lhe podemos dar, porque as não ha por ora. A camara está-se constituindo. Verificando

Costumava a musica do 16 ir tocar a um arraial que se fazia em Cezimbra, em tempos que já lá vão, e para isso embarcava n'uma falua até Cacilhas.

Ao desembarque uma nuvem de rapazes cercava os musicos, e o que merecia as suas maiores sympathias era o bombo.

Todos disputavam com interesse a honra de carregarem com o instrumento e era tal a lucta, que afinal o bombo corria o maior perigo de se despedaçar.

De uma vez o musico teve uma idéa salvadora: Segurando o chefe da pancadaria disse aos rapazes solemnemente:

— Quem quizer levar o bombo hade pagar um vintem!

E d'entre a turba sahio um mais feliz que pagou o vintem e carregou com o pesado instrumento até Cezimbra.

Apezar d'isto havia todos os annos um rapaz feliz que pagava um vintem para carregar com o bombo.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:
L'arbitrage International appliqué Aux dettes extérieures des Etats, Août 1892. Imprimerie L. Pochy. Paris.

• A introdução da clausula compromissoria em todos os tratados financeiros ou commerciaes que tenham um caracter internacional.

«Pedimos mais, sob um ponto de vista especial e immediato que o conflicto de Portugal com seus credores, seja submettido a uma arbitragem tão rapida quanto possivel.»

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1893

Está quasi esgotada a edição; a capa é um lindo chromo representando esse mimo d'architectura quinhentista — a Torre de Belem.

Preço 200 réis. Pelo correio 220 réis

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Poço Novo — Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1 200 réis.

Pedidos á empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Adolpho, Mcdesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 29